

Album: Orlando da Silva
Data: Novembro de 1967
Local: Rio de Janeiro
Título: A Gravura de Ivan Serpa
Autor: Moraes, Frederico

A gravura de Ivan Serpa inserida neste álbum é um exemplo magnífico das suas qualidades já sobejamente conhecidas pela crítica. Revela o artesão de primeiríssima água que é, o artista que domina integralmente os vários meios de expressão com que labuta, a pintura, a escultura, o desenho, e, agora, a gravura. Como sempre ocorre com Serpa ele estuda exaustivamente o modo de expressão e retira do material todas as suas conseqüências. Face a esta observação não se pode deixar de constatar a ironia do resultado alcançado - magnífico. Com efeito, o artista primeiro ergue, no espaço, uma forma pura, monumental, a maneira de suas construções da fase concretista. E logo em seguida se propõe a destruir esta mesma forma, pacientemente, assim como a térmita que devora, carcome a fôlha do incunábulo ou o ácido que corroe o metal. Diante desta forma negra, da figura geométrica de contornos nítidos, situada no topo do papel, o que se vê na superfície restante são como que bactérias, bacilos minando o tecido formal, estilhaços lançados contra a fortaleza. Coágulos de sangue, pequenos focos guerrilheiros em luta contra o que Julian Benda denominou de "imperialismo da forma". E já no próprio território a derrotar algumas ilhas foram instaladas e nelas brilha intensamente a luz-liberdade. Serpa não duvida que nesta guerra de guerrilha entre a forma e o informe, aquela perderá. Breve toda área estará conquistada. Do caos, provavelmente surgirá outra forma.

Mas se nestes 20 anos de labor artístico, pacientemente construiu por que, agora, se propõe desconstruir? Por que esta vontade de negação? Non-sense? Não creio. Mesmo porque o processo da corrosão da forma tem o controlê do artista, a destruição é consciente. Provavelmente Serpa se encontra no limiar de uma nova fase - a síntese que vem longamente procurando. Do conflito entre a paz e a guerra, a forma e o informe, o sólido e o desintegrado, do ser e do vir-a-ser, surgirá breve, talvez, um nôvo espaço, que será, também, um nôvo modo de ver o mundo e a arte, uma nova ética.

FREDERICO MORAIS